O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

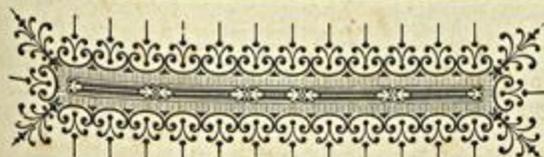
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 455

11 DE AGOSTO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha um dictado que diz: «Perdigão perdeu a penna, não ha mal que lhe não chegue».

O nosso pobre paiz, coitado! está perdigão como todos os demonios.

O perder a penna foi para elle a tristissima questão do *ultimatum*, e d'ahi para cá não tem havido mal que lhe não tenha chegado

Agora como se a questão financeira e a questão monetaria não fossem já bastantes, chegou-se-lhe a questão do gaz.

Era de ha muito prevista esta questão, ou para melhor dizer a questão não estava prevista, mas estava-o o motivo que a originou: o — augmento do preço.

Durante annos o gaz, descendo successivamente de preço — mercê da concorrencia entre a nova companhia e a velha, — chegára a um preço excepcionalmente, quasi que inverosimilmente, barato.

Para fazerem mal uma á outra as duas companhias foram baixando, baixando as suas tabellas, como os talhos da praça da Figueira em occasião de rivalidades, e o lisboeta póde gabar-se de ter tido durante mezes o gaz por um preço como em parte nenhuma ninguem se alumia com elle.

Era claro que esse bem não podia ser de muita dura, porque se qualquer das companhias fazia assim mál uma á outra, fazia tambem ao mesmo tempo mal a si, mal que por calculo ou por capricho se póde aguentar algum tempo, mas que prolongando-se havia de trazer fatalmente n'um periodo mais ou menos remoto a morte d'essas companhias.

E toda a gente sabia que essa barateza excepcional no preço do gaz não podia deixar de ser transitoria, por que o epilogo d'essa batalha travada entre as duas companhias, batalha de que o consumidor era o *tertio* do aphorismo, havia de ser ou uma d'ellas ficar vencida, recolher-se a bastidores e ficar a outra só em campo, ou chegarem a um accordo, e fundirem-se n'uma unica companhia.

E em qualquer dos casos, o consumidor que até então ganhava, era fatalmente o que tinha a perder.

Só em campo, não temendo a concorrencia, não tendo que disputar a uma rival os seus clientes, essa companhia victoriosa deixaria de usar da arma com que para matar a outra se feria a si, e o preço do gaz subiria logo, e o consumidor não teria remedio senão pagar as favas.

Esse momento chegou agora.

Não se realisou a hypothese de uma das companhias morrer; realisou-se a outra, a das companhias se casarem.

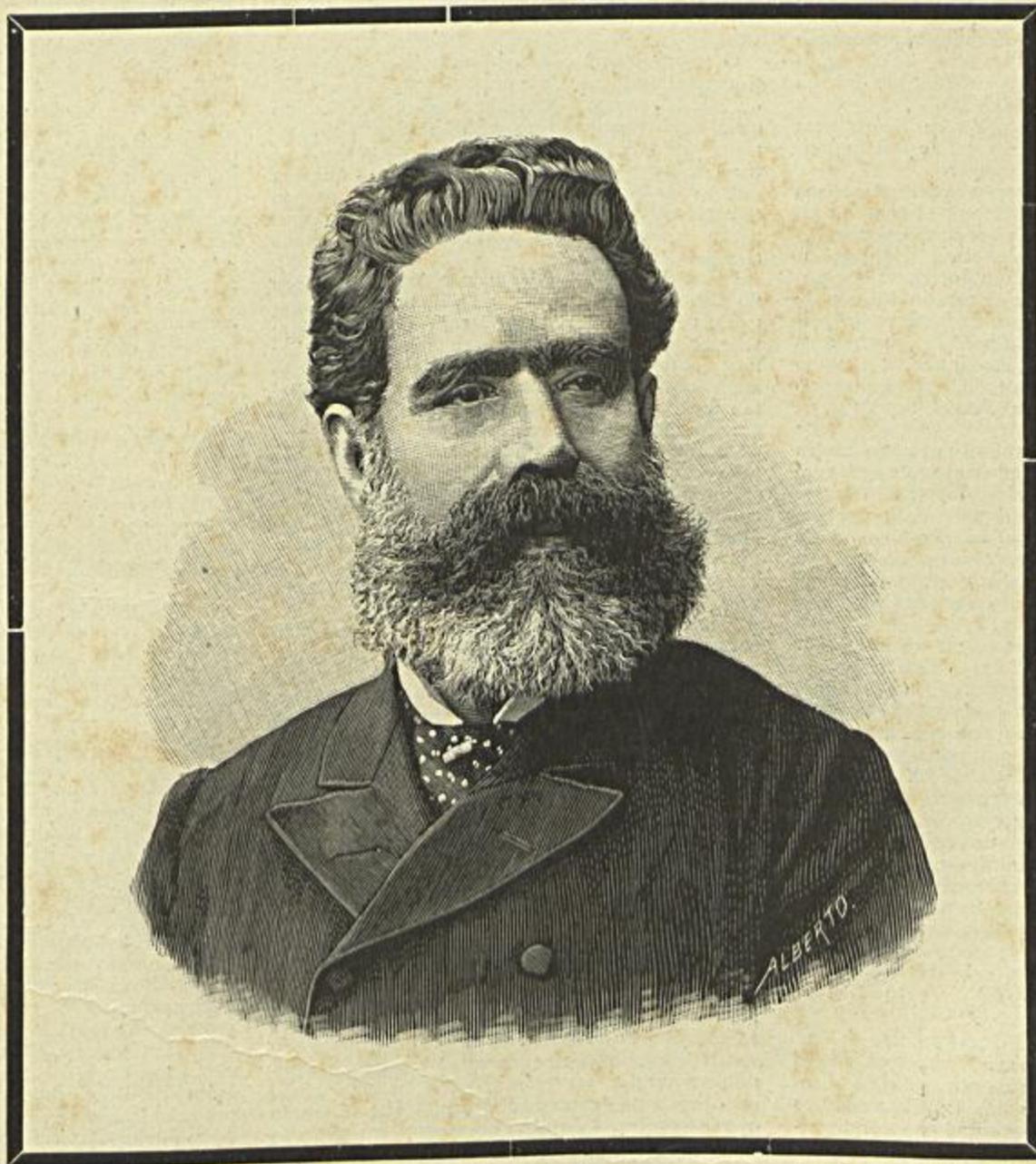
Casaram-se e o primeiro fructo d'esse matrimonio foi a elevação do preço do gaz, e o segundo a elevação do preço do carvão.

Evidentemente o preço do gaz estava muito baixo, e as companhias para se prejudicarem uma á outra se prejudicavam a si proprias não podiam, terminada a lucta, manter esses preços, que lhes davam prejuiso e prejuizo grande, e elevaram n'os, no que estavam no seu plenissimo direito.

O consumidor habituado ao preço baixo recebeu mal essa elevação, e o commercio entendeu, no uso tambem do seu direito, dever não estar pelos ajustes.

E d'ahi a gréve dos lojistas contra o gaz.

Foi essa a forma que a Associação dos Lojistas de Lisboa escolheu para o seu protesto.

Não sabemos se a Associação estudou o assumpto para saber se effectivamente era exhorbitante o preço que a companhia pedia agora pelo gaz, ou substituiu esse estudo pela comparação entre o preço de hontem e o preço de hoje, não sabemos se a Associação dos Logistas nomeou alguma commissão que expozesse á companhia do gaz o protesto collectivo dos lojistas de Lisboa contra a elevação de preço, e tentasse

DR. LOURENÇO D'ALMEIDA AZEVEDO — Fallecido em 18 de junho de 1891

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Carlos Relvas)

chegar com ella a um accordo, mas o que sabemos é que a Associação dos Lojistas em presença do augmento do preço do gaz resolveu prescindir de gaz nos seus estabelecimentos.

Até aqui muito bem.

A companhia augmentou o preço do gaz e estava no seu direito: o consumidor não quiz estar por esse augmento e resolveu substituir o gaz por petroleo, azeite, stearina ou luz electrica, ou não o substituir por coisa nenhuma, e fechar ao anoitecer as suas portas, e estava no seu direito egualmente.

A companhia augmentando o preço do gaz, attendeu aos seus interesses: os lojistas fechando as portas ao anoitecer para não usarem do gaz attenderam aos seus interesses tambem, e os unicos interesses que não tiveram quem por elles olhasse foram os interesses do publico, lesado de um lado pelo augmento do preço do gaz, lesado do outro lado pelo encerramento das lojas á noite.

O que se deve confessar, é que os lojistas de Lisboa deram n'esta *grève* um exemplo rarissimo de solidariedade e de união; e foi essa unanimidade que lhe deu e que lhe dá toda a sua importancia, porque é inegavel que a *grève* dos lojistas contra o gaz tem uma importancia e um alcance, que ao principio ninguem suspeitava, costumados como estamos todos em Lisboa a vêr a falta de união, que ha em todas as manifestações, a falta de tenacidade, de persistencia, que ha em todos os protestos.

Pode dizer-se que a *grève* é geral ha oito dias, pois apontam-se a dedo os estabelecimentos que a ella não adheriram.

Ora foi exactamente por causa d'esses estabelecimentos que a *grève* se inaugurou com tumultos e arruaças que deram muito que fallar, e a que felizmente a energia das auctoridades conseguiu logo dominar, affogando-a á nascença.

Os logistas que quizeram fechar os seus estabelecimentos fecharam-n'os á sua vontade e estavam no seu direito.

Os lojistas que quizeram substituir o gaz pelo petroleo ou pela stearina, substituiram-n'o usando do mesmo direito, que cada qual tem, de em sua casa ser rei.

E os lojistas que nem quizeram fechar nem abandonar a illuminação a gaz, não estariam tambem no seu direito incontestavel?

E' claro que estavam; mas alguns arruaceiros quizeram contestar esse direito apedrejando-lhes as lojas, fazendo tumultos e gritaria defronte das portas; d'ahi um borborinho enorme, que augmentou ao saber-se que contra um dos chefes de policia — o sr. Almeida — fôra disparado um tiro de rewolver, e que terminou por centenares de prisões que a policia effectuou no Rocio e nas ruas da baixa, e em que foram muitos innocentes, como acontece sempre aqui e em toda a parte aliás, no meio da confusão enorme d'esses tumultos na rua.

Como é natural, houve muitos protestos contra algumas d'essas prisões — protestos de que vem cheios os jornaes estrangeiros quando lá fóra se dão d'estes conflictos, mas o que é certo é que o fim a que a policia mirava foi immediatamente conseguido, que as arruaças cessaram e que d'essa noite em diante cada qual tem aberta ou fechada a sua loja, illuminada a gaz ou a petroleo, como muito bem lhe apraz.

Entretanto a poucos lojistas tem aprazido illuminar a gaz, e a *grève* mantem-se desde o principio do mez na mesmo tensão, com muita honra para a tenacidade e para a solidariedade dos grévistas, mas com muito prejuizo para as ruas de Lisboa, que apresentam á noite o aspecto triste, soturno escuro de ruas de aldeia.

Qual será o resultado da grève?

A companhia do gaz manterá a sua elevação de preços ou cederá aos desejos dos commerciantes?

São variadas as opiniões a este respeito, as hypotheses de solução que correm sobre o assumpto, e para não fazer calculos errados, o mais prudente é esperar e sem prophecia, por que o resultado d'este conflicto não se póde demorar por muito tempo.

*
* *

Acerca do outro caso gravissimo a que já aqui nos referimos rapidamente na nossa ultima chronica, o caso do convento das Trinas, as cousas estão ainda no mesmo pé e nada ha definitivamente e officialmente apurado.

A's horas em que escrevemos consta-nos que a policia parece ter achado emfim a verdadeira pista e estar no encalço do criminoso.

Se assim fôr, e oxalá que assim seja para bem da justiça, para que os innocentes fiquem illibados e os criminosos punidos, fallaremos então d'esse crime ou crimes — porque por emquanto ainda não está apurado se se trata d'um singular ou d'um plural — e faremos os nossos commentarios e a nossa narrativa, narrativa e commentarios que nos temos abstido de fazer por ser extremamente melindroso o assumpto, por não haver base alguma solida para accusação ou defeza, por não querermos de forma alguma intentar a defeza de criminosos ou a accusação de innocentes.

*
* *

Á ultima hora chega-nos a noticia d'um roubo importantissimo feito n'uma repartição do Estado por um alto funccionario: o roubo d'uma porção de *coupons* practicado na Direcção da Divida Publica, pelo chefe da repartição, que visava o pagamento dos coupons, e que foi já preso na Amieira, onde estava fazendo uso das aguas, por haver contra elle provas esmagadoras da sua criminalidade.

O roubo eleva-se a mais de vinte contos de réis e parece que data já de ha cinco annos!

Na proxima chronica daremos noticia mais circumstanciada d'este importante roubo, e tambem da grande catastrophe que acaba de ferir os povos da ilha Terceira, onde ha centenares de familias reduzidas á miseria pela inundação.

Ao favor d'essas pobres victimas vae já um grande movimento caritativo na imprensa de Lisboa, ha subscripções abertas em quasi todos os jornaes e pensa-se seriamente e activamente nos meios de alcançar donativos importantes para soccorrer esses desgraçados.

Gervasio Lobato

DR. LOURENÇO D'ALMEIDA AZEVEDO

O nosso jornal commemora hoje o passamento do abalisado clinico e professor da Universidade, dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, fallecido quasi repentinamente no dia 18 de junho do corrente anno. A todos entristeceu a perda do illustre ornamento da medicina portugueza que era dotado de primoroso caracter, possuia notavel talento alliado ao melhor senso, sendo extremamente obsequiador e dedicadissimo aos seus amigos.

O dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo nasceu no Coucieiro, districto de Villa Real em 1 d'agosto de 1833. Seu pae, João Corrêa d'Almeida Carvalhaes, posto que não tivesse grandes meios de fortuna, quiz proporcionar-lhe a devida educação mandando-o para Coimbra onde o novo estudante fez os exames de instrucção secundaria conseguindo matricular-se em 1849 no primeiro anno de Mathematica e de Philosophia como obrigado para seguir o curso da faculdade de Medicina.

Fomos seu condiscipulo nos dois annos da faculdade de Mathematica, e podemos dar testemunho do muito aproveitamento com que frequentou esta sciencia, na qual foi plenamente approvado, não sendo inferior a classificação que obteve nos tres annos da faculdade de Philosophia.

Em outubro de 1852 passou o dr. Lourenço para o primeiro anno de Medicina. Ahi e nos annos seguintes a Universidade condecorou-o sempre com as suas maiores distincções: os partidos ordenados nos *Estatutos* de 1772, e os premios creados na legislação de 1839. Em 1858, a 28 de junho, defendia o sextanista as suas theses, e a dissertação inaugural, cujo objecto foram as cellulas; trabalho colhido nos ultimos progressos da sciencia, e sustentado na sala grande dos actos com o calor que só dá uma profunda convicção, e com o brilho proprio de um elevado talento.

E assim correu tambem a sustentação de todas as theses.

Fez exame de licenciado e tomou o respectivo grau em 16 de julho, e recebeu o grau de doutor a 31, tendo-lhe concedido o capello gratuito a portaria de 22 do referido mez e anno. Então para se alcançar esta honra, que sómente se dava ás faculdades de sciencias naturaes, eram precisas tres condições: haver falta de lentes, o aspirante a doutor ter talento transcendente, e não ser abundante de meios de fortuna. Hoje é sabido que as propinas dos doutoramentos em todas as faculdades foram abolidas desde 1870.

A faculdade tinha dez logares vagos de substituto extraordinario. Para um d'elles, devendo reger as cadeiras de *Clinica dos homens e das mulheres*, e *Pathologia medica*, foi logo despachado, a 4 de janeiro de 1859, o novo doutor, que em 1860 passou a substituto ordinario para as cadeiras de *Partos*, *Materia medica* e *Pathologia medica*, e em 1864 a lente cathedratico para *Pathologia e clinica cirurgica dos homens*, sendo transferido na occasião da nova reforma da faculdade em 1876 para a cadeira de *Tocologia*, e promovido a decano e director da mesma faculdade no anno de 1885.

Todas estas cadeiras foram regidas com a maior proficiencia e dignidade.

Em fins de 1855 e principio de 1856 appareceu em Coimbra a cholera morbus, e organisou-se hospital proprio para curar os doentes pobres. O director nomeado, que foi o lente de *Therapeutica* e *Pathologia*, o dr. Cesario Augusto d'Azevedo Pereira, conseguiu ter ao seu lado como principal ajudante o alumno do 4.º anno de Medicina, que era então Lourenço d'Almeida Azevedo.

Os valiosos serviços prestados n'aquelle estabelecimento, com o maior zelo e inexcedivel caridade, firmaram logo a sua reputação de clinico, e trouxeram-lhe honrosos testemunhos de estima e affecto, tanto do corpo docente da Faculdade, como dos seus collegas na pratica, e de todos os habitantes de Coimbra

A cidade havia tomado o dr. Lourenço por filho extremecido, principalmente desde que o vio arriscar a vida para salvar os infelizes doentes atacados da epidemia; e em successivas votações o elegeu vereador municipal, recebendo sempre na troca de taes demonstrações os fructos do seu ingenho e actividade, que se encontram nas estradas que atravessam todas as freguezias do concelho, no edificio construido para os paços da Camara, e nos milhares de melhoramentos devidos á sua fecunda iniciativa.

O districto de Coimbra deveu lhe tambem importantes serviços na qualidade de membro da junta geral, eleito varias vezes como seu representante. Ahi se estreitaram cada vez mais as nossas relações, trabalhando juntos na organisação de projectos, que tendiam a reformar a administração publica, e a desenvolver a viação ordinaria. Ahi todos podémos admirar, até nas coisas menos graves, a extrema lealdade d'aquelle primoroso caracter.

Quando em 1884 a cholera morbus assolou Marselha, Toulon, e outras povoações da França, entrando em Hespanha, e chegando á fronteira de Portugal, o dr. Lourenço foi sem receio ao centro da epidemia, onde se demorou bastante estudando-a, e escreveu o livro: *A cholera morbus: sua prophylaxia e tratamento*; publicação feita na imprensa da Universidade, bem como a traducção na lingua franceza.

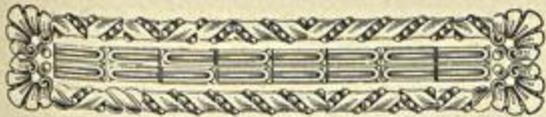
A Academia real de Medicina de Madrid conferiu-lhe o diploma de socio correspondente; o Instituto de Coimbra contava-o entre os seus socios effectivos, e da Associação dos Artistas da mesma cidade havia recebido o titulo de socio honorario.

Era par do reino vitalicio desde 1882; nomeação devida ao seu grande merito, e obtida quando ainda residia na Universidade. Fundos e amargos desgostos obrigaram-n'o a deixar a faculdade, e a mudar para Lisboa, onde desempenhou os logares de vogal da junta de saude, e da secção permanente do Conselho Superior de Instrucção Publica.

Foi em 1885, que se vestiu de lucto a cidade de Coimbra, quando lhe constou a nomeação do dr. Lourenço para vogal da junta consultiva de saude publica, e portanto a resolução inabalavel de residir na capital, conforme exigia o exercicio do seu novo emprego.

Differentes classes de professores, negociantes, proprietarios, industriaes e artistas, foram a sua casa pedir lhe encarecidamente, que não abandonasse a terra a quem tanto favorecera, e que tão grande affecto lhe manifestára: e seguidamente enviaram ao seu amigo mensagem honrosissima, que lhe mudaria certamente a resolução tomada, se o dever permittisse attender aos impulsos do coração.

Ahi, na cidade que o tomava pela sua providencia, nas duas camaras do parlamento, onde diversos oradores lhe prantearam a morte precoce, e descreveram as suas brilhantes qualidades; nas sentidas palavras de Souto Roiz, João Arroyo, Mariano de Carvalho, Elvino de Brito, Telles de Vasconcellos, Lopo Vaz, Jeronymo Pimentel, Oliveira Monteiro, Bernardino Machado, e do auctor d'estas linhas; nas diversas corporações scientificas e administrativas, que honrou com o seu talento e com o seu trabalho, se pode vêr a viva saudade, manifestada nos maiores testemunhos de affecto consagrados á sua memoria. Nós perdemos n'elle o amigo intimo, sincero e dedicado, a quem nos prendiam fortes laços de amor e gratidão.

Antonio José Teixeira.

AS NOSSAS GRAVURAS

MAUSOLEU
DE ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR
NO CEMITERIO OCCIDENTAL

Realisou-se no dia 21 do mez passado a trasladação dos restos mortaes de Antonio Augusto de Aguiar para o mausoleu, que a Associação Industrial Portugueza, mandou construir no Cemiterio Occidental de Lisboa.

Esta cerimonia não teve a pompa que era de esperar, attendendo ao morto illustre de que se tratava, e para isso influio, alem do esquecimento a que entre nós se votam os mortos, a questão religiosa que se prendia a este acontecimento, e que em tempo foi debatida na imprensa

Esperou-se mais de um anno, depois de concluido o mausoleu, para se realisar a trasladação, na esperança de que se aplanariam as difficuldades que haviam para que a cerimonia se fizesse com o concurso da Egreja. mas as leis canonicas, não permittem que a Egreja preste o seu suffragio a maçons publicamente declarados como tal, e não foi possivel deixar de cumprir a lei, no que não encontramos motivo de censura.

Assim a cerimonia foi puramente civil e mesmo assim pouco concorrida, notando-se a ausencia de muitos homens importantes, que pela posição e pelas relações que tiveram com Antonio Augusto de Aguiar alli deviam comparecer.

O cadaver foi transportado do jazigo de familia do sr. Ricardo Loureiro, onde fôra depositado, para o novo mausoleu, na carreta da Companhia Lanificios e Fiação Lisbonense, sendo o feretro coberto por uma bandeira portugueza e por muitas corôas, que tinham sido depositadas na occasião do enterro, accrescendo duas que foram agora postas, uma offerecida pelo Atheneu Commercial do Porto, e outra pela Associação Industrial Portugueza.

As corôas não poderam ser todas collocadas sobre o caixão e por isso foram transportadas em parte sobre uma outra carreta que precedia aquella em que ia o corpo.

A carreta que transportava o corpo foi conduzida por operarios da fabrica a que, já nos referimos, pegando ás borlas por turnos, varios cavalheiros pela seguinte ordem: primeiro turno de parentes e amigos de Antonio Augusto de Aguiar; segundo turno de representantes da Sociedade de Geographia; terceiro da Associação Commercial; quarto do Gremio Lusitano; quinto da Sociedade Pharmaceutica, escolas industriaes e corpo do commercio; sexto de industriaes.

Logo atraz do corpo seguia a viuva e filhos do fallecido

Ao chegar o feretro ao novo mausoleu, pronunciaram breves discursos o sr. Silva Amado, professor da Escola Medica, o sr. Alfredo da Silva, delegado da Associação Commercial e dos alumnos do 5.º anno do curso superior do commercio, e o sr. Gomes da Silva em nome do Gremio Lusitano.

Com as sentidas palavras d'estes cavalheiros terminou a funebre cerimonia derradeira homenagem prestada áquelle illustre morto que foi um bom patriota a quem o paiz deve bastantes serviços

O mausoleu, como se vê na nossa gravura, é um monumento modesto, mas de muito merecimento artistico.

Foi planeado e executado pelo sr. José Pereira de Lima dos Santos, distincto esculptor, discipulo da Academia de Florença, que se prestou a fazel-o pela quantia que Associação Industrial Portugueza poude realisar para este fim com a subscripção que abriu e que produziu relativamente pouco.

Foi sem duvida o amor da arte que levou o artista a executar esta obra, e diga-se em verdade que satisfez plenamente o fim a que se propoz.

O mausoleu mede na sua maior altura 5 metros e consta, como se vê na gravura, d'um pedestal quadrangular, assente sobre tres degraus e sobre o qual descança o ataude.

Um anjo sentado sobre a tampa e empunhando uma espada defende os restos mortaes que alli repouzam

Na frente do pedestal vê-se um medalhão com o busto de Antonio Augusto de Aguiar e sobre os degraus pouza uma figura representando a Industria que offerece uma corôa de louros a Aguiar. Em frente d'esta figura um anjo representando o genio da chimica, escreve o nome de Antonio Agusto de Aguiar no pedestal.

O monumento é todo de marmore de Italia e o medalhão de bronze.

Alli repouzam os restos mortaes do benemerito portuguez, que foi gloria da sciencia e de Portugal.

O CLAUSTRO DE CELLAS

Ainda não vão longe os protestos que se levantaram contra a venda do claustro de Cellas, que o governo annunciara pelo ministerio da fazenda, onde devia ser arrematado no dia 10 de julho que findou.

O digno bispo Conde de Coimbra foi dos primeiros a sair a campo em defeza do precioso monumento, e a elle se seguiram outros protestos incluindo os de quasi toda a imprensa, que por este assumpto se interessou, despertada pelos primeiros toques a rebate.

Graças a esses justos clamores, que o governo tomou na devida consideração, o mesmo governo mandou suspender a venda, não se sabendo por em quanto qual o destino que dará ao claustro de Cellas, resto do mosteiro já em parte profanado.

O annuncio da venda declarava o seguinte: «Os capiteis do seculo XII [1] que existem no claustro d'este convento são excluidos d'esta venda por haverem sido concedidos ao Instituto de Coimbra, para serem guardados no museu archeologico, e o arrematante fica obrigado a consentir na sua extracção feita no seu logar a reparação necessaria pelo mesmo Instituto, para segurança da varanda que tem por apoio esses capiteis das columnas do claustro.»

Apesar d'esta clausula, que salvava em parte os capiteis, que são o que de mais importante se encontra no referido claustro, ella não satisfez aos que se interessam por estas questões d'arte, no que nós tambem estamos de accordo, porque o valor e belleza da obra está no seu conjuncto e não nos seus fragmentos.

O mosteiro de Cellas é um exemplar tão precioso e tão raro da arte portugueza, que destruil-o sobe qualquer pretexto seria um acto de verdadeiro vandalismo, e parece-nos bem que não foi para isto que se creou ainda ha pouco um ministerio de Instrucção Publica e Bellas-Artes!

Poder se-ha, quando muito, trasladar-se cuidadosamente esta peça d'arte do local onde está, para outro, se assim é indispensavel; mutilal-a, porém, é inutilisal-a para o estudo das nossas coisas d'arte, e isto n'uma época em que se estabelecem pelo paiz as escolas de desenho e artes industriaes, para educação artistica do povo, é uma falta de coherencia que não abona os conhecimentos d'arte e de sciencia de quem tal permittir.

*
* *

O mosteiro de Cellas toma o nome da povoação onde está, nos arrabaldes de Coimbra, parecendo porém que a povoação tomou o nome de Cellas por assim se denominar o mosteiro que D. Sancha, filha de D. Sancho I, alı mandou edificar para n'elle recolher umas *enceladas* [2] que viviam em Alemquer, onde a nobre senhora esteve depois da morte de seu pae.

Como em Coimbra haviam outras *encelladas* que viviam em *cellas* denominou a sua fundadora o novo mosteiro de *Cellas de Voimarães* por ser este o nome da quinta em que o fundou.

Foi sagrado o templo pelo bispo D. Americo a 13 de junho de 1293 segundo as opiniões mais auctorisadas.

Concluido o mosteiro n'elle foi viver e n'elle morreu a sua fundadora, sendo o seu cadaver trasladado para Lorvão.

D. Thereza, irmã de D. Sancha, tomou sob a sua protecção, como lhe havia recommendado a virtuosa fundadora o mosteiro, e augmentou-o em rendas e edificações e em freiras, tendo ali vivido muitas damas de alta nobreza, como a abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, filha do conde de Penella, D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, a qual mandou reformar a egreja, que é de excellente e admiravel estructura [1]

Outras obras ainda mandou fazer D. Leonor de Vasconcellos e entre ellas o bello portico de entrada.

O que ha, porém, de mais notavel n'este mosteiro é o formoso claustro que reproduzimos em gravura, copia de uma photographia do sr. Sortoris, e que um nosso bom amigo se empenhou em obter e nos enviou a nosso pedido, o que aqui lhe agradecemos por nos permittir dar assim aos nossos assignantes uma gravura que na actualidade tem tão grande interesse.

N'um folheto que temos presente e que foi publicado por occasião dos protestos que se levantaram contra a venda do claustro, encontramos uma discripção d'esta obra d'arte, que transcrevemos.

«O antiquissimo mosteiro de Cellas, aros da cidade de Coimbra, foi ha dez annos extincto, pela morte da ultima freira.

«Aberto pela primeira vez ao publico, motivou uma justificada surpresa a parte antiga do claustro, porque ninguem conhecia a existencia d'um tão precioso monumento.

«Dos quatro lanços sómente dois provém dos principios do seculo XIV; os outros dois, de ordem toscana, não merecem menção especial.

«Ha um estilobato geral; sobre elle assentam as arcadas, de cintro pleno e pequenina dimensão, com columnas geminadas e capiteis cubicos ornados em todas as quatro faces de ornatos e figuras representando passagens da vida da Virgem, do Christo e lenda dos santos.

«Seria pueril pretender dar aqui uma idea d'aquella arte tão ingenua e ao mesmo tempo tão expressiva e tocante. Ha scenas d'uma candura, d'uma bellesa e d'um sentimento palpitante São exemplares delicados, como estylo e como execução, da esculptura que transpõe o periodo hieratico romanico, para a iniciação da arte gothica.

«A pedra d'Ançã, difficilmente resistindo ás intemperies, apresenta estragos lamentaveis, que continuarão em progressão crescente. A carga d'uma galeria superior desaprumou os fustes; e a derrocada completa e irremedavel pouco se poderá fazer esperar.

«Tal é, n'um só traço indicado, o objecto de que se trata: uma bella obra da épocha de D. Diniz *(a)*, especimen formosissimo e unico no seu genero.»

O COURAÇADO CHILENO

«PRESIDENTE ERRAZURIS»

Esteve no porto de Lisboa o couraçado chileno *Presidente Errazuris* que acabou de sahir dos estaleiros da *Société des Forges et Chantiers de le Méditerranée* de Tolon, o qual na sua pouca idade tem já uma historia curiosa.

Este couraçado foi mandado construir com mais outro e um cruzador, pelo governo da Republica do Chile, antes de rebentar a revolução de janeiro d'este anno, que devidiu aquella republica em dois partidos, o do presidente Balmaceda e o dos congressistas, assim denominados por terem formado um congresso governativo.

O que deu causa a esta devisão ou formação de dois governos, foi a camara não ter approvado o orçamento apresentado pelo presidente Balmaceda, e este, em virtude da resolução do parlamento, tel-o encerrado e declarado-se em dictadura, assumindo todos os poderes legislativo, executivo e judiciario

Em vista d'este procedimento de Balmaceda, a camara constitui-se em congresso em opposição ao governo do presidente e revolucionando-se, ficando o paiz devidido em guerra e occupando os revoltosos as provincias do sul e os governamentaes as do norte.

É importante o partido dos congressistas ou revoltosos, pois tem por si parte do exercito e toda a marinha, obrigando o presidente Balmaceda a sustentar uma lucta extraordinaria para defender as suas perrogativas.

Encontrando-se o governo de Balmaceda sem marinha de guerra, resolveu lançar mão dos couraçados que se acabavam de concluir em França e para este fim enviou a Tolon tres secções de infanteria e de artilheria para tomarem posse d'aquelles navios e formarem parte da sua tripulação.

Os congressistas, porém, que tem em Paris um representante devidamente auctorisado, oppozeram-se á entrega dos couraçados reclamando que só fossem entregues a elles como o unico governo legal do Chile constituido pelas camaras, depois do golpe de estado do presidente Balmaceda. Os congressistas solicitaram a intervenção do governo francez como arbitro por cada uma das partes, e tomando esta questão um caracter judicial po que os congressistas requereram o sequestro dos

---

[1] Aliaz seculo XIII, principios do seculo XIV.

[2] Chamavam-se *encelladas, emparedadas ou reclusas* as mulheres que viviam recolhidas em pequenas casas denominadas cellas que recebiam ar e luz apenas por uma estreita fresta

[3] *Guia do viajante em Coimbra*, por Augusto Mendes Simões de Castro.

[1] Toda a gente sabe que o reinado de D. Diniz marca na historia da arte portugueza um periodo de extraordinaria florescencia.

navios, os tribunaes da França sentenciaram que estes fossem entregues ao governo do Chile, apesar dos congressistas terem previamente entregado á *Société des Forges et Chantiers de le Méditerranée*, dois milhões de francos de garantia.

Começa aqui a vida aventurosa do couraçado *Presidente Errazuris* vogando de porto em porto, sem tripulação competente e em busca d'ella sem dinheiro para pagar aos contratados e de ser um perigo eminente para esses contratados o embarcarem-se n'um navio que será preseguido pela marinha Chilena que, como se sabe, está do lado dos revoltosos, e não ter a guarnição necessaria e amestrada para se defender com vantagem.

O *Presidente Errazuris* é um magnifico couraçado que mede entre prependiculares 81,m50 e de bocca 10,m90; deslocamento de 2:000 toneladas com as machinas da força 5:400 cavallos e velocidade de 19 milhas.

O seu armamento consta de 4 canhões Canet de 15 centimetros e 2 de 12 centimetros; 4 Hotchkiss de tiro rapido; 4 canhões revolver, 2 metralhadoras e 3 tubos lança torpedos.

Este couraçado sahiu do porto de Lisboa no dia 4 do corrente sem ter conseguido arranjar tripulação, apesar das deligencias que para isso fez um agente que veio a terra ver se engajava marinheiros, o qual foi preso pela policia de Lisboa.

O outro couraçado chileno denominado *Presidente Pinto* ao sahir de Tolon para se fazer ao mar com rumo a Genova, em busca de tripulação, encalhou nos baixos da barra, d'onde custou a desencalhar com o auxilio que lhe deram. Tambem não tem sido mais feliz que o seu irmão.

MAUSOLEU DE ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR, NO CEMITERIO OCCIDENTAL

PARA ONDE FORAM TRASLADADOS OS SEUS RESTOS MORTAES NO DIA 21 DE JULHO DE 1891

(Segundo photographia)

a encontrar. Em Tolon nenhum marinheiro se quiz contratar para embarcar no couraçado. Em Marselha aconteceu a mesma cousa e em Lisboa, onde aportou a 25 do mez passado, não foi mais feliz.

Esta falta de tripulação é resultado dos governos da Europa, em vista da guerra do Chile terem resolvido conservar-se na neutralidade, não permettindo o embarque de marinheiros das suas nacionalidades.

Accresce ainda as circumstancias de não haver

AS GUERRAS DA ZAMBEZIA

I

Acaba o sr. Augusto de Castilho de publicar um livro verdadeiramente interessante, mas que infelizmente não poderá ser muito conhecido do publico, porque tem um caracter official, intitula-se *Relatorio da guerra da Zambezia em 1888*, e forma um

volume *in-quarto* de mais de 200 paginas. Não se advinha facilmente que esse livro constitue uma pagina das mais interessantes da nossa modérna historia colonial, nem mesmo que é acompanhado por um excellente mappa e preciosas gravuras. Se nós conseguirmos chamar a attenção publica para essa obra primorosa, teremos satisfeito o nosso intento, mas, analysando-a e resumindo a perfunctoriamente, daremos áquelles que não poderam adquiril-a ou lêl-a uma ideia clara não só do muito que o livro vale, mas tambem da interessantissima narrativa que elle encerra.

Todos teem ouvido fallar no Bonga, todos conhecem, mais ou menos pela rama, a historia d'aquella desgraçada expedição da Zambezia, que se realisou durante o consulado do Sr. Latino Coelho quando ministro da marinha, e que tantas victimas fez, e tão deploraveis e vergonhosas recordações deixou, mas os seus antecedentes e os seus consequentes não os conhece de certo o publico, e é d'isso que procuraremos informal-o rapidamente, sempre tomando por guia o brilhante escriptor e brilhantissimo governador de Moçambique, o sr. Augusto de Castilho, que ligou o seu nome á reivindicação de possessões portuguezas em Moçambique, e á rehabilitação da honra portugueza, conspurcada durante muitos annos pelas vergonhas da Zambezia.

O signatario d'estas linhas teve a honra, quando foi ministro da marinha, de nomear governador de Moçambique o sr. Augusto de Castilho. D'isso se ufana, como tambem se gloría de o ter auxiliado na brilhante iniciativa que tomou de restabelecer o dominio portuguez em Tungue, de que o sultão de Zanzibar nos esbulhára. Essa empreza levou-a depois a cabo o sr. Augusto de Castilho, quando já era outro o ministro da marinha e ultramar. As gloriosas expedições que pozeram termo emfim á vergonha da Zambezia tambem o sr. Augusto de Castilho as emprehendeu n'este periodo, o signatario d'este artigo apenas pode lembrar que foi essa tambem uma das suas preoccupações, e, se a occupação de Manica, o restabelecimento do dominio portuguez em Gaza junto do Gungunhana, e a propria expedição de Tungue, e a submissão dos revoltados de Massingire o obrigaram a pospôr uma expedição que demandava acertados preparativos, nunca deixou de considerar a pacificação da Zambezia como um dos assumptos mais importantes de que desejaria occupar-se.

Vejamos porém como principiaram essas vergonhas da Zambezia. A historia é instructiva, mostra bem o desamparo em que por muitos annos deixámos o Ultramar, o desacerto com que muitas vezes o temos dirigido, mostrou comtudo tambem que a situação tem melhorado mais lentamente do que seria para desejar, mas que alguma coisa se tem feito, e muito mais se poderá fazer.

Nas terras da Zambezia dominou por largos annos a familia dos Bongas, ou antes a familia Cruz visto que *bonga* é a designação de um chefe e não o appellido de um homem ou de uma familia. Esses Cruz são oriundos da Asia, de Macau, ou da India. Acham-se estabelecidos em Moçambique, pelo menos desde os fins do seculo passado, e o primeiro que se assignalou pelos seus crimes e malfeitorias foi um Joaquim Vicente da Cruz, conhecido pelo Bereco. Vivia no principio d'este seculo; e no tempo em que o governo de Rios de Senna estava confiado a um dos mais notaveis governadores ultramarinos que tivemos n'essa epoca, o major Villa-Nova Truão, era o tal Bereco designado pelo nome de capitão Cruz. Acompanhou elle o major Truão na guerra que emprehendeu nas terras de Monomotapa, sendo encarregado da conducção das munições de guerra, e deu isso ensejo á primeira traição e ao primeiro crime de tão nefanda familia.

Truão derrotou completamente o regulo Chiopombo, e tomou muitos territorios entre Tete e Chicoa. Nos combates que travara, despendera naturalmente em abundancia as munições que não podia renovar; mas não carecia d'isso porque o Chiopombo estava em completa derrota. Foi então que o Bereco participou secretamente ao regulo que as tropas portuguezas não tinham polvora, ou que a pouca que tinham estava nas mãos d'elle que a não daria. O Chiopombo fez um supremo esforço, reuniu os seus pretos dispersos, caiu sobre as tropas portuguezas, derrotou-as, aprisionando e matando o illustre major Truão. O vencedor recompensou o traidor que lhe dera a victoria, e que suppunha que a traição ficaria secreta e impune. Comtudo, ou porque a sua attitude no combate houvesse parecido suspeita, ou porque chamasse a attenção o facto singular de Chiopombo ter dado uma filha sua ao Bereco, o que é certo é que o Bereco, ou Joaquim Vicente da Cruz, quando se apresentou em Tete com a maxima imprudencia, foi preso, interrogado, enviado para Moçambique e lá enforcado sem detença. Tempos que já lá vão! Não é da força que temos saudade, é da rapidez com que se procedia.

O *Bereco* deixara descendente. Era um filho, chamado Joaquim José da Cruz, conhecido pelo Inhaûde. E' figura mais epica do que a do primeiro, e a sua historia mais larga e interessante. Por isso, não a queremos dar mutilada aos nossos leitores. Reservamol-a para o artigo immediato.

Pinheiro Chagas.

O CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE CELLAS

(Segundo uma photographia de Sortoris)

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O LOPES DO PATRIOTA

Este ainda vive, e sei com certeza que me não hade levar a mal o pôl-o em lettra redonda. Ha um anno, pouco mais ou menos, encontrei eu, dirigindo-me a S. Pedro de Alcantara, um velho de physionomia aberta, alegre e saudavel; fardado de panno côr de pinhão, trazendo na cabeça um bonet de pala, e arrimando-se a uma tôsca bengala, mais por habito contrahido, do que por necessidade de se servir d'ella.

Parou diante de mim, e perguntou-me : «Entã já me não conhece ?»

Fitei-o por momentos para me recordar quem era o meu interlocutor, e perguntei por meu turno : «Você é o Lopes, pois não é ?»

— «O mesmo, sem tirar nem pôr. Naturalmente não me conheceu por me ver assim enfarpelado, não é verdade ?

— «Confesso que sim. Então que fardamento é esse ?

— «O dos asylados do Amparo. Vae para cinco annos que estou lá albergado.»

Não querendo fazer commentarios que podessem ser lhe desagradaveis, acrescentei :

— «Então que tal se dá você por lá ?

— «Antes assim, do que peor. Come-se bem, e com asseio ; dorme-se descançado ; e passeia-se depois de jantar. Tenho companheiros que embirram com o uniforme. Eu, não. Tanto se me importa andar vestido d'esta, como de outra qualquer maneira.

— «Então, adeus, Lopes, estimei encontral-o tão bem disposto.»

E despedi-me, apertando a mão ao honrado operario, que eu conhecêra na minha mocidade, cheio de vida e de enthusiasmo pelas idéas liberaes, sem aspirações, sem pensamentos reservados.

Mas o que fez o Antonio José Lopes para merecer as honras da publicidade ? Vou dizel-o para que se saiba que ha dedicações obscuras, caracteres de rija tempera, que se avigoram com as contrariedades, e que depois de velhos se recolhem a um asylo, em paz com Deus e com os homens.

Disposto a escrever a respeito de Lopes, fui procural-o ao asylo do Amparo, edificio situado na calçada da Gloria, e administrado pela santa casa da Misericordia. De pergunta em pergunta, de corredor em corredor, cheguei a dar entrada no interior do asylo.

— «Desejo fallar ao asylado Lopes.

— «O Lopes está jantando, respondeu-me um outro asylado. Perdeu a noite ao pé de um companheiro que está doente, e não chegou á nossa hora de jantar.

— «Se o senhor quer, entre ahi no refeitorio, que lá o encontra.»

Entrei. Estava sósinho, sentado á mesa, vestido de blusa azul, e lenço de seda preto no pescoço, tendo diante de si um appetitoso prato de grão com arroz, e um outro prato com uma magnifica posta de bacalhau com batatas, ladeado de dois copos de vinho. Era dia de peixe.

Ao fundo do refeitorio estava pendente um quadro representando a Visitação de Nossa Senhora, e em um plano inferior uma imagem da Virgem, assente na respectiva peanha, enfeitada com seus palmitos de flôres.

O Lopes, quando me viu, quiz dar o jantar por terminado, mas eu não lhe consenti.

— «Vá comendo, e iremos fallando ao mesmo tempo. Olhe, diga me, posso fumar ?

— «Não lhe sei responder. Eu nunca fui maçon, o que o senhor talvez não acredita, mas tambem não sou beato. Nunca vi fumar aqui, creio que em attenção áquella imagem... mas se o senhor quer, fume.

— «Não quero ir contra os usos estabelecidos. Logo fumarei. Vamos nós a fallar do assumpto que me trouxe aqui

— «Estou ás suas ordens.»

Passei então a contar-lhe o motivo da minha visita. Expliquei-lhe que andava a escrever uns artigos, de que lhe não occultei o titulo, e que tendo-o tambem na conta de um excentrico, lhe vinha pedir o favor de me avivar a memoria para fallar com conhecimento de causa a seu respeito.

— «Que idade tem o Lopes ?» foi a minha primeira pergunta.

— «Nasci a 13 de junho de 1812, dia de Santo Antonio, e por isso me chamo tambem Antonio. Sou filho de um sapateiro, que teve loja aberta na rua da Cruz, a Jesus, e eu proprio fui sapateiro, antes e depois de andar envolvido na politica. Pelo que vejo o senhor não se recorda já que fui eu quem lhe fiz as primeiras botas com que entrou para o collegio militar em 1834 ?

— «Nunca foi soldado ?

— «De linha, nunca. Mas, em 1833, fui sargento do quarto batalhão fixo de Lisboa, passando depois para a guarda nacional, em 1834, por signal que o meu coronel era o Domingos Ferreira Pinto Basto, que o senhor conheceu, o amigo particular de José Estevão.

— «Mas como foi que o Lopes se encontrou envolvido em todos os acontecimentos politicos do paiz, desde essa data, até 1851 ?»

Seguro da sua admiravel memoria, sorriu á minha pergunta, affirmando-me que podia precisar com toda a exactidão, não só os annos, como os mezes e os dias em que os acontecimentos tiveram logar ; contando-me em seguida que fôra sempre um setembrista puro, confidente de Passos Manuel, do Rio Tinto, do Sampaio da *Revolução*, e principalmente do Leonel Tavares, e por elles iniciado nos segredos da politica, e nos manejos eleitoraes. Para comprovar as suas affirmativas, o Lopes, que é um narrador singello e pittoresco, contou-me todos os episodios do processo intentado contra o *Nacional*, em 1852, sendo o Leonel Tavares advogado do réu, que era o Rio Tinto, tendo elle Lopes tomado uma parte obscura, mas arriscada, no caso isto com uma lucidez de idéas pasmosa n'um velho de setenta e quatro annos.

Queria que vissem a animação com que elle me contou, em seguida, o incidente burlesco do processo em que figurou como protogonista o capitalista Antonio José Coutinho, homem já avançado em idade, que, tendo pedido, invocando a lei, e obtido do juiz dispensa de ser jurado, foi por inadvertencia senil sentar se no proprio banco dos jurados, saindo do tribunal antes de findar a sessão, dando assim pretexto a ser julgado nullo o processo, a contento da auctoridade, indo o proprio Lopes contar o occorrido ao Rio Tinto, que estava passando a noite em casa do José Ribeiro da Cunha !

Com que enthusiasmo elle me contou como se passaram as eleições para deputados no anno de 1842, na freguezia de Santa Catharina, e como os setembristas as perderam só por 30 votos, o que foi julgado um triumpho para a opposição, attenta a pressão enorme que o governo exercia sobre os eleitores.

Quando teve logar a mallograda revolução de Almeida, o Lopes foi ainda um dos agentes subalternos d'aquelle movimento, que deu em resultado a emigração de José Estevão e de Mendes Leite, e a prisão, no Limoeiro, do Manuel de Jesus, Bernardino Martins, e outros.

Em 1846, e durante a gerencia do ministerio do duque de Palmella, exerceu o Lopes o obscuro logar de continuo da commissão central eleitoral do partido progressista.

O thesoureiro da commissão era o João de Mattos Pinto, que tanto figurou n'aquella epocha, por vezes declinou as suas funcções no Lopes, tal era confiança que tinha na sua probidade.

Vem aqui a proposito narrar um facto que honra sobremaneira o meu biographado, dá a medida da insenção do seu caracter, e que ainda que outros factos o não comprovassem, lhe dava direito a figurar como um excentrico n'este recenseamento dos homens do meu tempo que se afastaram do trilho vulgar.

Um dia o Rio Tinto, que era como disse thesoureiro da commissão central eleitoral, interpellou o presidente, que era o então ministro da fazenda, Julio Gomes da Silva Sanches, lembrando-lhe o dever de dar um emprego ao Lopes, que tantos serviços prestára ao partido setembrista. O ministro defendeu-se, dizendo que nunca mais o vira depois de estar no poder, que elle nada lhe pedira, mas que na primeira occasião opportuna se lembraria de lhe dar um emprego.

Ao outro dia soube o Lopes, na botica dos Avellares, um dos grandes focos de opposição aos cartistas, que um homem qualquer o andára procurando da parte do ministro da fazenda. Julgou que era para dar andamento a alguma manobra eleitoral, e foi correndo ao chamamento.

D'esta vez não se tratava de politica. Silva Sanches, apenas o viu, offereceu-lhe á queima roupa, e á sua escolha, um dos tres logares vagos de que então podia dispor. O Lopes respondeu-lhe espartanamente : «Que era sapateiro, e d'isso vivia ; setembrista por convicção, e disposto a não se sentar nunca á mesa do orçamento !»

Ora digam-me, se o homem é, ou não é, deveras um excentrico ?

Em fevereiro de 1847 esteve onze dias preso e incommunicavel no quartel do Carmo, sendo em seguida transferido para o Limoeiro, de onde se evadiu com os demais presos, na tarde de 29 de abril do mesmo anno.

Outro qualquer preso trataria apenas de se homisiar, pois o nosso Lopes fugiu, e partiu para Setubal, alistando-se na primeira companhia dos voluntarios lisbonenses, de que era coronel o celebre arsenalista Mantas, capitão o Manuel de Jeses Coelho, e alferes o padre João Candido de Carvalho, vulgarmente conhecido pelo *Padre Rabecão*, por ser elle o redactor do jornal satyrico que tinha aquelle titulo, e que em tantos e tão ruidosos processos andou envolvido.

Em 1851, quando teve logar o movimento politico chamado a *Regeneração*, ainda os clubs, os centros eleitoraes, as lojas maçonicas trabalhavam activamente para derribar o ministerio presidido pelo conde de Thomar, e o Lopes do Patriota não dormia, fiel ás suas tradições do passado.

Contou-me elle que quando o marechal Saldanha entrou em Lisboa, ao passar por baixo das janellas do Leonel Tavares, o cumprimentára militarmente, mas de um modo tão significativo que o fizera scismar, e que o Leonel Tavares lhe dissera depois ser uma saudação maçonica, por ter sido elle, Leonel, quem em França, no tempo da emigração, iniciára o marechal nos mysterios da maçonaria.

Na noite d'esse dia houve recita de gala no theatro de S. Carlos, e o marechal Saldanha mandou um camarote de presente ao Leonel, que offereceu n'elle um logar ao Lopes; por signal, acrescentou como prova da sua admiravel memoria, que se representou a opera *Fingal*, mal ouvida pelos espectadores, estando os enthusiasmos da platéa todos absorvidos pelos recentes acontecimentos politicos.

O Lopes do Patriota, que já pertencia á associação fraternal dos sapateiros, foi um dos socios fundadores da associação dos artistas lisbonenses, approvada pelo governo em 1839, sendo o respectivo decreto assignado por Antonio Fernandes Coelho, descendente do illustre parlamentar de 1820. Dos socios fundadores da sociedade dos artistas lisbonenses, acrescentou o Lopes, sem demonstrar a mais leve commoção, só restam hoje tres : o Gregorio Diniz Collares, funileiro na rua do Arsenal ; eu, e o Antonio Nunes, cutileiro, ao Calhariz.

Firme na intenção original de não querer ser empregado do estado, o Lopes, encontrando-se por acaso, em 1855, com Alberto Carlos Cerqueira de Faria, que andava tratando de fundar a companhia das aguas e fôra vogal do antigo centro eleitoral, pediu-lhe um emprego na futura companhia, a que Alberto Carlos accedeu, empregando-o desde logo no seu escriptorio, e mais tarde, em 1858, como continuo da secretaria da companhia das aguas, que de facto chegára a organisar-se.

Incidentemente, e como eu sabia que o Lopes tratára com toda a gente graúda do seu tempo, estranhei-lhe que nunca me houvesse fallado do conde das Antas, e perguntei-lhe se nunca estivera em contacto com elle, respondeu-me, com epilogo de uma larga historia :

— «A esse respeito só lhe digo que fui eu quem o fardei pela ultima vez para ir... para o cemiterio dos Prazeres !»

E a proposito de mortos, narrou-me a doença de José Estevão, a sensação que causára a noticia do seu fallecimento, dizendo-me que fôra em casa d'elle que conhecêra o dr. Thomaz de Carvalho, que, como adjunto ao provedor da misericordia, lhe facilitára a entrada no asylo do Amparo.

Disposto a colher todas as informações, mesmo um pouco alheias ao meu assumpto, perguntei-lhe se nunca fôra casado, parecendo-me impossivel que tivesse tido tempo para isso ; ao que me respondeu, sorrindo, que nada menos de duas vezes, uma a 7 de novembro de 1835, a outra a 27 de julho de 1855 ; enviuvando da primeira vez em 1853, e da segunda, em 1864.

O Lopes do Patriota tem direito á medalha da febre amarella e tambem á medalha n.º 3 das campanhas da liberdade, mas nunca requereu uma, nem outra.

— «Para que ? Acrescentou o meu interlocutor encolhendo os hombros. Medalhas não dão pão. Se o dessem não tinha eu necessidade de estar na casa onde estou.»

O Lopes do Patriota, é um homem baixo, de cabellos e barbas brancas, mas com o bigode ainda quasi todo preto. Conserva todos os dentes, e tem uma memoria prodigiosa.

Está perfeitamente de accordo com a sua sorte, e narra os acontecimentos da sua vida sem pedantismo nem basofia, como cousas que nunca passaram do trivial.

Lê ainda os jornaes, mas só para matar o vicio, e não porque a politica o preoccupe. Como homem de lucta que foi, repugna-lhe a agua chilra das polemicas estereis, e das bajulações campanudas. O Lopes do Patriota, é, em resumo, uma miniatura de Barbés. Entende como elle que sem cadeia não póde haver convicções arreigadas, e por isso fortificou as suas no calabouço do quartel do Carmo, e nas enxovias do Limoeiro.

Os setenta e quatro annos que hoje conta, se estão longe de poderem ser apontados como uma primavera de flôres, tambem andam ainda arredados do verdadeiro inverno da vida. Se o Lopes do Patriota chegar a entrar pelo seculo vinte, tal-

vez haja então quem se lembre de lhe festejar o centenario. Eu, com certeza, é que não hei de entrar n'esse numero *(a)*.

L. A. Palmeirim.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XII

A LOUCA

Como era de prever, os soldados que tinham sido escolhidos para fazerem o primeiro quarto de sentinella do convento, e que sob o commando de um subalterno, se dirigiam á unica saida que lhes era conhecida, para depois se dividirem pelas outras communicações exteriores, afim de poderem dar alarme ao resto da força, caso o povo sublevado tentasse algum assalto durante a noite, depararam, apenas transpozeram o portal, com uma mulher por terra e immediatamente correram para ella, tentando algumas experiencias a ver se lhe surprehendiam symptomas de vitalidade.

Seriam os sentimentos humanitarios, que despertando agora n'estes homens lhes fizesse ganhar interesse por uma mulher morta, quando as suas mãos ainda vinham manchadas do sangue de tantas victimas?

Não, não poderia ser compaixão, mas a simples curiosidade de saberem como aquella religiosa tinha conseguido fugir e se encontrava ali morta!

E as perguntas então cruzavam-se vertiginosamente interrogando-se uns aos outros:

— Quem a mataria?

— Seria um suicidio?

— Seria o crime d'um estranho?

N'este caso era forçoso indagar para punir severamente o criminoso.

Aquella mulher era, como as outras religiosas, uma propriedade dos soldados de Napoleão, e só a elles cabia o direito de lhe ter dado a morte ou concedido a vida.

O subalterno servindo-se d'uma lanterna de furta fogo, que encontrára, por acaso, nas vastas dispensas do convento, e que se lembrara de a accender para lhe servir de guia no dedalo confuso de corredores e claustros, passou ao exame da causa que déra a morte áquella religiosa em condições tão mysteriosas.

Não foi necessario tornal-o muito minucioso para adquirir a certeza de que houvera effectivamente um assassinato. Dirigindo o fóco de luz para o ponto onde a bala penetrara, o que era denunciado por um fio de sangue vermelho que corria d'uma pequena brecha acima da nuca, carregou com os dedos em volta e certificou-se de que effectivamente havia ali dentro, a pequena profundidade, o corpo resistente d'um projectil.

—Não ha que duvidar, este ferimento foi produzido por uma bala que nada tem de similhante com as que usamos nas nossas espingardas e que deverá ter sido disparada por uma arma pequena, a pistola. Ora como nenhum de nós trazia comsigo similhante especie de arma, é claro que o crime foi praticado por um estranho, do que deve já ser dado conhecimento ao nosso capitão.

E dirigindo-se a um dos soldados que assistiam, mudos de pasmo, a esta scena lugubre:

— Raymond, vae participar ao sr. capitão Villiot o succedido e dize lhe que necessito da sua presença, sem a qual não poderei ir distribuir as sentinellas.

Raymond sumiu se por entre a escuridão afim de communicar a Villiot o que o subalterno lhe ordenara, porem o capitão, que não recebeu de muito bom humor o soldado por este o interromper na ceia que estava ainda em principio, e que promettia ser ruidosa, não só pelos convivas serem officiaes novos e juviaes, como pela quantidade de garrafas que estavam dispostas sobre a mesa, o que denunciava uma busca rigorosa e feita por mão de mestre á adega do convento, não se demorou comtudo em seguil-o e em menos de cinco minutos estava junto do sargento.

— O que ha?

O subalterno poz Villiot ao facto das conclusões que tirara do seu exame, porem emquanto durou este arrazoado, o capitão que havia tomado a lanterna para observar o rosto da religiosa, parecendo prender-se mais com os encantos da sua formosura do que com o desejo de verificar se o sargento dizia a verdade, disse quando este concluiu:

— É pena por que era das mais formosas. Se não estivesse ainda morta e a podessemos salvar, talvez nos declarasse o nome do criminoso.

E depois em tom de quem ordena:

— Benard, corra a procurar um medico e traga-o por vontade ou á força.

Paul Benard, que era este o nome do sargento, apezar do perigo a que se expunha atravessando ruas cheias de povo completamente sublevado, nem pestanejou, fez a continencia e afastou-se.

Percorrendo algumas ruas, teve depressa a convicção de que os seus receios eram infundados, e que nenhum perigo corria aventurando-se pela cidade.

Por toda a parte só encontrava grupos desolados e chorosos, levantando das calçadas corpos mutilados que eram conduzidos em padiolas para um hospital improvisado, mandado organisar por Berthier, e d'ali transportados em pilhas, sobre carretas, para o campo, onde á luz de archotes trabalhava uma companhia de linha em abrir valas, que os moços da Misericordia enchiam de cadaveres

Em vez das imprecações contra os soldados francezes, em vez dos gritos patrioticos em que horas antes se accendêra o ardor da peleja, Benard ouvia agora, ou antes adivinhava, por lhe ser completamente desconhecida a nossa lingua, nos gestos de desespero, nos soluços, nos ais cumprimidos, as dôres angustiosas d'aquelles paes e mães que procuravam os filhos por entre fileiras de cadaveres, ou dos maridos que procuravam as mulheres, ou estas aquelles, conforme os que tinham sobrevivido.

A *lição* dada por Berthier tinha submettido a população pelo terror; tinham sido horrorosas as suas consequencias não só d'entro de Beja como fóra dos seus muros

. Toda a cidade, áquella hora, estava illuminada interior e exteriormente, por centenas de linguas de fogo que avermelhavam o ceu, dando áquelle desolador espectaculo côres ainda mais sinistras.

A soldadesca depois do saque á cidade e ás herdades dos arrabaldes, lançára fogo a mais de cem propriedades.

Muitas das carretas mortuarias eram acompanhadas pelos parentes que tinham sobrevivido, e não era raro ver as mães com os fillinhos nos braços seguindo o lugubre cortejo, afim de volverem ainda um ultimo adeus aos maridos que tinham perdido, e com elles toda a esperança da sua presente mocidade e todo o amparo da sua futura velhice.

Benard ponderando que devia ser no hospital que havia de encontrar o medico exigido por Villiot, lá se dirigiu.

Deixemol-o cumprindo a sua missão e voltemos ao convento.

Villiot ordenara aos soldados que transportassem Anninhas para uma sala terrea e alli a deitassem sobre tres cadeiras de espaldar, unicos moveis que a guarneciam, até que chegasse o medico

Quando levantaram o corpo da rua, talvez porque lhe pegassem pouco cuidadosamente, Anninhas deixou escapar um gemido, e então Villiot que ouviu exclamou jubiloso:

— Está viva! Está viva!

— Está viva, repetiram em coro os soldados, copiando a mesma expressão de alegria que tinham surprehendido no rosto do seu superior

Logo que o corpo de Anninhas foi collocado sobre aquella tarimba improvisada, Villiot arregaçou as mangas da farda e disse para os que o rodeavam:

— Ajudem-me a fazer o primeiro curativo.

Sairam então alguns soldados a buscar agoa para lavar a ferida; porém, antes de Villiot ter concluido, dois homens entraram na sala precedidos de Benard.

— Eis o medico e o seu ajudante, meu capitão.

Os intruzos eram rapazes ainda novos, e no rosto, especialmente de um, notavam-se signaes de inquietação.

— Chegaria tarde?

— Depressa o saberemos, respondeu-lhe o companheiro a meia voz. Coragem e sangue frio. Qualquer impaciencia perder-nos-hia.

Villiot dirigiu então a palavra aos recemchegados.

— Qual dos senhores é o medico?

— Eu!

E avançou um passo para a frente, o que parecia ser mais velho.

Villiot pol-o ao facto do acontecimento que determinara a sua presença.

— Folgo sempre que tenho occasião de ser util ao meu similhante, respondeu o medico em bom francez.

E aproximando-se de Anninhas que se conservava inanimada, pediu ao seu companheiro que pegasse na laterna, de forma a projectar o fóco de luz no ponto onde existia o ferimento.

Depois de desempastar o cabello que o sangue tinha collado ao rosto da victima, procedeu a exame minucioso na ferida.

— Não ha duvida, a bala achatou-se no craneo, vou já extrahil-a.

D'ali a pouco era concluida a operação com o melhor resultado e collocado o apparelho, pedindo então o medico que o ajudassem a voltar a enferma que até ali estivera de bruços.

Foi n'esta occasião que a luz dando no rosto de Anninhas fez com que o ajudante, que ainda segurava a lanterna, se cubrisse d'uma pallidez mortal, e o braço lhe tremesse tão convulsamente que a lanterna esteve prestes a cahir-lhes das mãos

Villiot que não despregava os olhos dos recemchegados, ao notar o tremor que se apoderara do ajudante do medico, perguntou-lhe:

— Tem alguma cousa senhor?

— Nada, não tenho nada!

E acrescentou comsigo:

— Embecil que eu sou, então não ia procedendo como uma creança.

O medico depois de sentar a enferma, que ainda se conservava debaixo da acção de uma syncope produzida pelo tiro recebido e o choque da queda, mandou buscar um copo de agua onde deitou algumas gotas de certo liquido esverdeado que trazia n'um pequeno frasco.

N'essa occasião o ajudante chegou-se junto do medico para lhe dar uma colher, com que este pretendia descerrar os dentes á enferma e assim obrigal-a a ingerir o liquido, podendo então dizer-lhe algumas palavras ao ouvido.

O medico olhou para o seu ajudante estupefacto

— Cheguei tarde, confirmou este... É ella!

— Nem uma palavra, ou aliás estará tudo perdido.

O liquido foi passando do copo para o estomago da enferma, e então, á medida que a acção se ia produzindo, o rosto tomava a cor e uns estremecimentos nervosos percorriam-lhe o corpo todo.

O medico que tinha o ouvido collado ao peito de Anninhas sentiu lhe o coração bater a principio muito brandamente, depois mais forte e menos compassado, até que as pancadas se tornaram perfeitamente isochronas.

Tomou-lhe depois um dos pulsos entre os dedos, e com o relogio na outra mão, estudou o effeito que o remedio ia produzindo no organismo da enferma, até que os labios de Anninhas entreabrindo-se deixaram escapar alguns monosylabos inintelligiveis:

— Vae acordar!

Pintou-se então viva curiosidade em todos os rostos.

O que iria dizer?

Mas a enferma abriu os olhos amortecidos, percorreu a sala, fitou todos indifferentemente, deixou pender a cabeça sobre o peito e soltou um suspiro profundissimo.

Esta apparente serenidade pareceu não agradar ao medico que fez uso da palavra para tentar uma experiencia.

— Sente-se melhor, não é verdade?...

Anninhas não lhe respondeu, olhou vagamente em redor d'ella sem demorar comtudo a vista n'um ponto determinado.

— Ah! sim o meu filho... trazem-me o meu filho. Eu vos agradeço Senhor... E estás bonito, estás um homem .. Anda, anda mais para o pé de mim... Olha abraça-me, beija-me, não sou eu tua mãe?...

— Enlouqueceria? Interrogou em tom afflictivo o ajudante dirigindo-se ao medico que attentamente a examinava.

— Não é possivel responder lhe... Comtudo ter-me-hia socegado mais, se em vez d'esta serenidade o seu despertar fosse violento e cheio de recriminações!

E voltando se para Villiot, disse-lhe em francez.

— O estado d'esta senhora é melindroso. Temo até que salvando-lhe a vida nós não lhe podessemos já salvar o espirito. Effectivamente todos os indicios me levam a acreditar que perdeu a rasão.

— Louca! Exclamou Villiot!

— Louca! disseram a uma voz todos os francezes!

— Ficar aqui seria impossivel. Se me permitte fal-a-hei transportar ao hospital da Misericordia, onde poderá ser tratada rigorosamente, e talvez possa ainda recobrar a rasão.

Villiot quiz mostrar-se condescendente. Demais desde que perdera a esperança de possuir, ainda n'aquella noite, a religiosa que pela sua formosura tão fortemente o abalara, a idéa constante da

---

(a) O Lopes do Patriota falleceu ha poucos mezes, em casa de uma sua filha, que, vendo-o já doente, o retirou do asylo, para lhe poder dispensar os carinhos que a velhice reclama.

A imprensa noticiou a sua morte referindo-se a este meu artigo que foi publicado na *Illustração Portugueza* em 1886.

ceia que o esperava martelava-lhe de continuo na imaginação.

Deu poderes discricionarios ao medico para proceder como melhor entendesse, recommendando a Benard que cumprisse tudo que elle lhe ordenasse, e retirou-se para os seus aposentos.

Pela sua parte este mandou logo apromptar uma cadeirinha em que foi cuidadosamente mettida Anninhas; e, conduzida por dois homens da confiança do medico, deu entrada effectivamente no hospital da Misericordia n'essa mesma noite

Depois das enfermeiras a deitarem, o ajudante recebeu ordem para ficar na companhia de uma d'ellas, guardando o somno da enferma.

Anninhas deixara-se conduzir até ali com maxima docilidade, mas a febre, que tendia a augmentar, poderia produzir algum delirio de consequencias graves para ella.

O ajudante mostrava uma visivel inquietação.

Mas emfim consolava-o a certeza de que, morta ou viva, Anninhas estava de novo junto de si.

Os leitores terão advinhado quem elle era?

(Continúa) *Julio Rocha.*

que tem, para que é que os compradores convidam á venda offerecendo cada vez maior premio? O que superabunda barateia e no entanto a prata cada vez tem maior agio, o que bem mostra que ha mais vontade de comprar do que de vender, e se tanto afan ha em compral-a não é para facilitar o giro, mas sim para a monopolisar e depois fazer valer tanto mais quanto ella escassear na circulação

Se hoje ha quem ganhe com este negocio muito mais ganhará amanhã, e porque este ganho é importante e n'elle andarão envolvidos capitaes tambem importantes, talvez seja mais isto que faça com que não se prohiba tão bom negocio, do que o receio de metter na cadeia todos os cidadãos portuguezes por todos comprarem e venderem e a prohibição para nada servir.

Alguma vez os governos haviam de declarar a insufficiencia da sua força para fazer cumprir uma lei, que a maioria da nação está pedindo e que nós fomos dos primeiros a alvitrar.

E é porque a politica em tudo se mette e de tudo se serve para seus fins, que em Portugal os governos não podem governar desassombradamente eternamente agrilhoados á urna, a todas as influencias

Os nossos leitores já devem saber que os lojistas de Lisboa fizeram parede contra as exigencias de augmento de preço do gaz feito pelas companhias do dito.

Uns fecharam as portas dos seus estabelecimentos ao bater das ave-marias e outros passaram a illuminal-os com petroleo e vellas.

Vae d'ahi a politica quiz vêr n'isto uma manifestação republicana e dá á republica em Lisboa uma maioria de todos os diabos, porque os estabelecimentos fecharam se quasi na totalidade e os que não fecharam illuminaram a petroleo e vellas, ficando o gaz n'uma minoria microscopica.

Para reclamo á republica e ao petroleo não podia haver nada melhor, alem de que a republica com o petroleo sempre se deu muito bem.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os Excentricos do meu tempo por L. A. Palmeirim. Lisboa Imprensa Nacional, 1891, 1 vol. de 374 pag. in-8.º. Conheciamos já parte d'este livro, por termos lido alguns capitulos publicados nos jornaes, e porque o seu auctor teve a amabilidade de nos lêr outros antes de virem a publico; pois apesar d'isto lêmos agora da primeira á ultima pagina o volume com que o sr. Palmeirim nos brindou, e em cada capitulo, em cada pagina encontrámos uma recordação do passado, nos bons *typos* que ali descreve, despretenciosamente, no seu estylo natural, em bom portuguez correntio, sem esforços de linguagem pedante, de erudição mal degirida, com que se pretende suprir a ausencia do talento e até do censo commum.

É um livro bem escripto e bem portuguez n'um genero em que muito pouco se tem escripto entre nós, e de que apenas conhecemos a *Lisboa de Hontem*, de Julio Cesar Machado, o primoroso folhetinista que tão tragico fim deu a seus dias.

Os Excentricos do meu tempo, todos podem lêr, o que hoje é uma qualidade que não é para desprezar. Em qualquer dos seus capitulos encontramos de par com as excentrecidades dos personagens que nos descreve, curiosos dados historicos d'uma das épocas mais agitadas do nosso paiz, em que brilharam tantos partuguezes de que parece se vae perdendo a raça. É um d'esses capitulos que n'outro logar reproduzimos, como especimen do livro por tantos titulos recommendavel.

O COURAÇADO CHILENO «PRESIDENTE ERRAZURIS»

(Segundo photographia)

REVISTA POLITICA

No dizer do jornal do sr. ministro da fazenda, o prohibir com penas de multas e até de prisão, os que traficarem na venda e compra de moeda nacional, não daria resultado nenhum pratico para cohibir esta nova industria, porque, no dizer do mesmo jornal, teria que se multar ou metter na cadeia toda a população de Portugal, salvo seja, que nós não entramos na conta; mas o articulista que diz que são todos, lá tem as suas razões.

Com que então se não houvesse quem vendesse não havia quem comprasse; pois por esse mundo ha muito quem queira vender muitas coisas sem ter quem lh'as compre, mesmo sem ser negocio prohibido, mas segundo a theoria do citado jornal sempre que haja offerta deve haver por força procura.

E eis a que a politica leva as cabeças, por ventura melhor organisadas.

Segundo estas theorias é inutil prohibir o jogo de parar porque todos mais ou menos gostam da bolota, para nada serve o prohibir o roubo, attenta a grande quantidade de malandros que vegetam por esse mundo, e até prender os perturbadores da ordem publica, quando esses perturbadores são tantos que só n'uma rusga se apanham aos 500 incluindo os cidadãos pacificos.

Mas se todos querem vender a moeda de prata que com ella se prendem, accrescendo agora mais do que nunca o estarem sujeitos ás imposições do capital que manda como quem póde.

Se até se diz que a crise monetaria mais se tem aggravado pelos manejos dos republicanos que andam açambarcando por toda a parte a moeda de prata, de cobre e as notas pequenas. Imagine-se o capital de que dispõem a republica em Portugal, e como os proprios monarchicos lhe estão fazendo reclamo, insinuando que já agora só com a republica é que apparecerá moeda sonante.

E para não enchermos esta revista só com a questão monetaria, que apesar de ser a questão mais palpitante é tambem a que mais se tem discutido, vamos pôr-lhe ponto por hoje dando apenas mais a noticia de que o governo consultou a procuradoria geral da corôa sobre se tinha faculdades legaes para prohibir a emissão de cedulas representativas de dinheiro, por particulares.

Diz-se que a procuradoria da corôa respondeu affirmativamente e que o governo vae prohibir a tal emissão.

A nós parece-nos que se devia ter prohibido assim que appareceram ou se espalhou que iam apparecer as primeiras cedulas particulares, porque é facil de prever os perigos de semilhantes emissões se se deixassem fazer livremente confiando-se apenas no bom senso publico que as recusasse.

Agora vamos ao gaz onde tambem a politica anda mettida, e d'esta vez fazendo ainda maior reclamo á republica.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43